



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

KIMBERLLY DE MELO TEIXEIRA

FOTORREPORTAGEM : ROTINA PARA A SUPERAÇÃO

GOIÂNIA
2021



KIMBERLLY DE MELO TEIXEIRA

FOTORREPORTAGEM : ROTINA PARA A SUPERAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS), como quesito para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Ma. Mariana Capeletti Calaça

GOIÂNIA
2021

KIMBERLLY DE MELO TEIXEIRA

FOTORREPORTAGEM : ROTINA PARA A SUPERAÇÃO

Projeto apresentado para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, defendida e aprovada no dia 08 de junho de 2021 pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora

Prof^a. Mariana Capeletti Calaça
Orientadora

Prof^a Déborah Rodrigues Borges
Avaliadora

Prof^o Murilo Gabriel Bernado Bueno
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por me dar força, coragem e paciência para poder superar as adversidades em minha vida, principalmente os imprevistos para a realização deste trabalho.

Ao meus pais, que sempre batalharam para me dar o de melhor e me ensinarem a ser uma pessoa honesta.

À minha mãe que sempre me ouviu, me apoiou e me ajudou quando eu mais precisei.

As minhas orientadoras, a prof^a Déborah Borges e prof^a Mariana Calaça, por me ajudarem, cada com sua forma de ser, a produzir este trabalho, no qual foi executado com meu total carinho e dedicação.

E a diretora e as acolhidas da Comunidade Terapêutica Feminina Missão Resgate da Paz que com sua solidariedade me ajudaram a retratar a rotina da instituição.

Entrega o teu caminho ao Senhor;

Confie nele, e ele tudo fará.

Salmos 37:5-6

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FOTOGRAFIA	10
2.1 Composição fotográfica	11
2.2 Fotografia e a realidade	11
3. FOTOJORNALISMO	12
4. DEPENDÊNCIA QUÍMICA	14
4.1 Consumo de drogas por mulheres	14
5. COMUNIDADE TERAPEÚTICA	15
5.1 Regulamento das comunidades terapêuticas	16
6. MISSÃO RESGATE DA PAZ	18
7. MEMORIAL	18
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
10. ANEXO	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Antes e depois de duas acolhidas da comunidade.....	20
Figura 2. Páginas da Missão Resgate da Paz nas redes sociais	21
Figura 3. A terra e a lama nas ruas até chegar a comunidade terapêutica	22
Figura 4. Fotografias para testagem da câmera do meu celular.....	22

RESUMO

Este trabalho visa por meio da fotorreportagem mostrar a rotina das acolhidas da Comunidade Terapêutica Feminina Missão Resgate da Paz, em Goiânia. A Missão Resgate da Paz é uma comunidade terapêutica que acolhe em regime de residência transitória, mulheres adoecidas por álcool, drogas e transtornos decorrentes do uso abusivo de algumas substâncias psicoativas. O trabalho abordará o conceito de fotografia, fotojornalismo, comunidade terapêutica e dependência química.

Palavras chave: Fotografia; fotojornalismo; comunidade terapêutica; acolhimento; dependência química.

INTRODUÇÃO

O vício por álcool e drogas é considerado um tipo de transtorno mental. O dependente muitas vezes quer se tratar, mas a falta de condições financeiras, apoio de familiares ou de seus companheiros fazem com que ele acabe voltando a seus vícios. É neste cenário, que as comunidades terapêuticas realizam um papel de suma importância no tratamento e recuperação dos dependentes químicos.

A maioria das pessoas relacionam mais a dependência química com o sexo masculino, porém dados levantados pelo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) juntamente com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), entre os anos de 2006 e 2012, concluíram que o consumo feminino de drogas e bebidas alcólicas tiveram um aumento significativo nos últimos anos.

Esses dados mostram a relevância de se compreender o estigma social sofrido pelas mulheres dependentes em relação aos homens. A mulher que é dependente de drogas é muito mais afetada psicologicamente.

Isso se dá, porque geralmente quando o homem é dependente químico e ele está sendo cuidado por uma mulher, a mesma tentará ajudá-lo dando apoio emocional e realizará uma força tarefa para buscar algum tipo tratamento para ele. Além de que este homem não sofrerá tanto preconceito pela sociedade, pela sua condição, justamente por ser do sexo masculino. Porém quando a situação se inverte, a mulher não é tão bem acolhida, cuidada ou bem vista pela sociedade como o homem.

A iniciativa da criação de comunidades terapêuticas principalmente as destinadas às mulheres são de grande relevância social. Pois além desses locais ajudarem a mulher adocida por drogas a se reinserirem na sociedade, elas também recuperam sua autoestima.

2. FOTOGRAFIA

Fotografia significa “escrever com a luz”. A fotografia só é possível de ser criada devido aos fenômenos decorrentes do comportamento da luz numa câmara escura e da fotossensibilidade de alguns materiais (Sousa, 2002). Conclui-se então que, só é possível fazer uma fotografia se houver luz.

Para Sousa (2002) as máquinas fotográficas, são o instrumento com que se obtêm as fotografias, no qual elas não passam de uma câmara escura - local onde o fotógrafo faz provas e ampliações. Só foi possível inventar a fotografia por causa da câmara escura, e sobre ela Sousa diz:

O princípio da câmara escura é simples de explicar. Os raios luminosos que entram por um orifício estreito de uma câmara escura projetam, na parte oposta, a imagem dos objetos exteriores, um pouco à semelhança do que acontece no nosso olho. (SOUSA, 2002, p. 37)

Fotografar é uma atividade muito comum no cotidiano das pessoas. São a partir das fotografias que gerações contam suas histórias - por meio dos popularmente conhecidos álbuns de família - e eternizam momentos inesquecíveis de suas vidas, como uma viagem, um dia especial entre outros.

De acordo com Sontag (2004) colecionar fotos é colecionar o mundo. Isso significa, segundo a autora, que as fotos além de serem objetos leves, baratos, fáceis de armazenar e transportar, elas são pedaços do mundo ou miniaturas da realidade.

A autora diz que a imagem fotográfica é responsável por exercer um importante papel de comunicação, visualização, conservação e transmissão das atividades sociais, culturais, políticas e científicas de uma sociedade, tornando-se assim uma forma de documento social. (SONTAG, 2004, *apud* ZAFANELI, 2019, p.4).

De acordo com Carnicel (2006) as fotografias são divididas em cinco categorias, são elas: *foto negociada* – aquela foto em que o fotógrafo combina com o fotografado como será a foto; *foto consentida* – aquela foto em que o fotógrafo pediu permissão ao fotografado para realizar a foto, ou seja, o fotografado sabe que está sendo fotografado, mas o fotógrafo não combina como vai ser a foto com ele; *foto não consentida* – aquela foto em que o fotógrafo não pediu permissão ao fotografado para realizar a foto; *foto predatória* – aquela foto em que o fotógrafo capturou uma cena no

qual achou relevante; e *foto denúncia* - aquela foto em que o fotógrafo tem como por objetivo denunciar alguma situação.

2.1 Composição fotográfica

A composição fotográfica é a organização de forma equilibrada dos elementos dentro da área fotografada, sendo um dos principais elementos o enquadramento. Sousa (2002) explica que o espaço da realidade visível representado em uma fotografia é realizado através do seu enquadramento, e este se concretiza no plano.

Para o autor existem quatro tipos de planos: *planos gerais* - planos abertos, fundamentalmente informativos e servem para situar o observador; *planos de conjunto* - planos gerais mais fechados; *plano médio* - servem para relacionar os objetos, aproximando-se de uma visão objetiva da realidade; e *grande plano* - enfatizam particularidades, sendo frequentemente mais expressivos do que informativos.

Além dos planos, Sousa também explica que é preciso levar em consideração os ângulos de tomada de imagem. Estes são divididos em: *plano normal* - a tomada da imagem faz-se paralelamente à superfície, oferecendo uma visão objetivante sobre a realidade representada na fotografia; *plano picado* ou *plongée* - a tomada de imagem faz-se de cima para baixo, tendendo a desvalorizar o motivo fotografado; e *plano contrapicado* ou *contra-plongée* - a tomada de imagem faz-se de baixo para cima, tendendo a valorizar o motivo fotografado.

Dentro da composição fotográfica estão também a regra dos terços que é quando dividimos a imagem em nove partes iguais por meio de duas linhas verticais e horizontais, formando quatro pontos de junção, local onde será inserida os assuntos principais da fotografia. Além da regra dos terços estão as sombras, os reflexos e as texturas dos objetos fotografados.

2.2 Fotografia e a realidade

Sontag (2004) afirma que as fotos fornecem testemunho, pois quando duvidamos de algo parece que, na maioria das vezes, só comprovaremos este algo ao mostrar uma foto. Reconhecer a imagem como uma prova ou forma de testemunho também é discutida por Guran (2008):

A imagem é testemunho, é modelo, é o que se vê, tudo ao mesmo tempo, portanto, é o que de fato subsiste. Não é por outra razão que, pelo mundo afora, vemos governantes mais preocupados com a sua imagem do que com a própria eficiência dos seus governos (...)" (GURAN, 2008)

De acordo com Guran a fotografia reproduz a realidade, no qual o seu processo de popularização serviu primeiramente para retratar as pessoas, tal qual elas eram, e o mundo em que todas viviam. Para ele, a imagem ainda é percebida como a verdadeira expressão da verdade pelo grande público.

Para o grande público, por mais incrível que parecesse uma determinada cena, era verdade, porque ali estava a foto para provar". (GURAN, 2008, p. 102)

Já Dubois (1994) retraça o percurso histórico da fotografia em relação a realidade de três formas: a fotografia como espelho do real, a fotografia como transformação do real, e a fotografia como vestígio do real.

3. FOTOJORNALISMO

Segundo Sousa (2002) o fotojornalismo é uma atividade que tem por finalidade informar. O termo pode abranger fotografias de notícias, projetos documentais, ilustrações fotográficas entre outras. Para o autor o fotojornalismo e o fotodocumentarismo se distinguem pela tipologia de trabalho. Enquanto o fotojornalista fotografa assuntos da atualidade, os temas fotodocumentalísticos geralmente são intemporais.

O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação. Da informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao planeta. A fotografia jornalística mostra, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual". (SOUSA, 2002, p.5)

O autor afirma que as histórias em fotografias ou *picture stories*, nomenclatura utilizada para definir fotorreportagem, são um gênero fotojornalístico em que uma

série de imagens – ou também chamada de série fotográfica - se unem para constituir um relato sobre um tema. De forma objetiva, a série fotográfica são o conjunto de várias fotos que têm um mesmo tema ou raciocínio dentro de um mesmo contexto.

Para ele as fotografias apresentam cinco tipos de fotografias, são elas: planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos; planos médios e de conjunto das ações principais; grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações; retratos dos sujeitos; e fotografia de encerramento.

Como foi explicado anteriormente, o fotojornalismo tem por objetivo informar, e com base nisso Sousa também explica que o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos para obter tal objetivo. A explicação se dá porque a fotografia é incapaz de oferecer determinadas informações, por isso ela precisa ser complementada com textos. Segundo o autor o texto é um elemento fundamental da mensagem fotojornalística no qual apresenta várias funções em relação a fotografia, tais como chamar a atenção, complementar informativamente, ancorar o significado e direcionar o leitor.

O fotojornalista utiliza vários elementos para trazer maior sentido às suas fotografias, entre elas, são fotografar a textura, padrão e cor de certos objetos. Sousa explica que fotografar a textura é importante pois alguns objetos têm determinadas particularidades textuais que lhes possibilitam, quando são fotografados, contribuir para os processos de geração de sentido. Alguns exemplos são o aproveitamento dos rostos, muros rugosos e da textura das plantas.

Outros agentes conferidores de sentido na fotografia, são a de fotografar em modo padrão - no qual padrão é a repetição de um determinado elemento, e a cor, no qual este elemento permite atrair a atenção em função do contexto e da cultura.

Para Martins (2013) as imagens podem ser interpretadas de maneira simples, mas essa interpretação depende do contexto em que foi criada. A autora explica que as pessoas pertencentes a uma mesma sociedade fazem leituras diferenciadas de uma mesma imagem, pois possuem vivências e experiências diferentes.

4. DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a dependência química é uma doença crônica comportamental, fisiológica e cognitiva que ocorre com o uso repetido de determinadas substâncias, como o álcool, o fumo, cocaína e medicamentos. Essas substâncias, ou comumente chamadas de drogas, psicoativas atuam no Sistema Nervoso Central das pessoas e alteram a sua capacidade de pensar, sentir e agir. De acordo com a OMS, o termo “vício” se refere à uma doença física e psicoemocional no qual é um hábito repetitivo que causa algum prejuízo ao viciado e aos que com ele convivem.

Para a organização, o alcoolismo é considerado uma doença. Ele é uma dependência química crônica caracterizada pelo consumo compulsivo de álcool. Um ponto muito relevante, ao falar sobre alcoolismo, é que o metabolismo do álcool nas mulheres não é igual ao dos homens. Segundo o cientista, médico oncologista e escritor brasileiro Antônio Drauzio Varella, se um homem e uma mulher ingerirem a mesma dose ajustada de acordo com o peso corpóreo, a mulher apresentará níveis alcoólicos mais elevados no sangue.

Essa diferença é explicada pela maior proporção de tecido gorduroso no corpo das mulheres, por variações na absorção de álcool no decorrer do ciclo menstrual e por diferenças entre os dois sexos na concentração gástrica de desidrogenase alcoólica. À partir do entendimento de como o álcool é absorvido pelo organismo de formas diferentes entre os dois sexos é possível compreendermos porque as mulheres ficam embriagadas com doses mais baixas e progridem mais rapidamente para o alcoolismo crônico e suas complicações médicas.

4.1 Consumo de drogas por mulheres

Com base em Cabral, Cardoso, Lemes, Luis, Moll, Nascimento e Silva (2007), historicamente os problemas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas eram mais comuns entre os homens, porém com as mudanças no papel social da mulher essa disparidade entre os gêneros foram diminuídas.

De acordo com os autores as mulheres que vivenciam ou estão expostas ao sofrimento em decorrência das drogas devem receber atenção especial desde o primeiro contato. Para muitas mulheres, o uso de drogas não é uma questão central

em suas vidas, mas um meio de suportar a dura realidade que vivenciam, como dores e marcas da violência, perdas, solidão e estigmas.

Segundo o estudo os sofrimentos enfrentados pela mulher diante às drogas, quando acolhidas num tratamento, tende a transforma-las em fontes para sua mudança, a partir da expectativa de estar prestes a ser coberta de cuidados. Para o bem estar e melhora das mulheres acolhidas pelas comunidades terapêuticas (CTs), as CTs devem propiciar a criação de grupos que permitam as participantes que partilhem de suas histórias, sentimentos e receios, facilitando a compreensão do seu sofrimento e desafios no relato de outras usuárias.

O trabalho das comunidades terapêuticas para os autores é considerado um fator protetivo, pois além de oferecerem apoio emocional, também tem caráter educativo, auxiliando a usuária no enfrentamento de sua dependência. É muito importante que a relação entre o cuidador e o ser cuidado nas comunidades terapêuticas sejam estabelecidas diariamente, baseada na ética, no respeito e na autonomia da mulher.

5. COMUNIDADE TERAPÊUTICA

Segundo o Instituto Terra, Trabalho e Cidadania (ITTC) as comunidades terapêuticas (CTs) são uma modalidade de intervenção clínica voltada para dependentes químicos, no qual as primeiras iniciativas do modelo contemporâneo ocorreram em meados do século 20, originalmente surgidas no Reino Unido e nos Estados Unidos. No Brasil a primeira comunidade terapêutica foi fundada em 1968, em Goiânia, chamada de Desafio Jovem.

Para o ITTC, a administração das comunidades terapêuticas no Brasil sempre estiveram muito ligadas a movimentos religiosos, com maior destaque para iniciativas privadas vinculadas à fé católica ou evangélica. De acordo com a instituição, o objetivo das comunidades terapêuticas é fazer com que a pessoa interrompa completamente o consumo de álcool e outras drogas à partir do modelo da abstinência, em oposição ao modelo defendido pela redução de danos, que prevê um uso responsável e consciente a partir da redução gradativa.

5.1 Regulamentação das comunidades terapêuticas

À partir da necessidade da regulamentação das entidades, denominadas como comunidades terapêuticas (CTs), que promovem o acolhimento de pessoas com problemas associados ao abuso ou dependência de substância psicoativa, o presidente do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD) fez uma resolução explicando os deveres das CTs e os direitos dos acolhidos.

A resolução do CONAD N. 01, foi determinada em 19 de agosto de 2015, ela possui 30 artigos e VI capítulos. Perante a importância de se entender como funciona uma comunidade terapêutica, bem como o entendimento acessível por todos, destaco os 10 primeiros artigos, por sua relevância, facilidade e objetividade sobre o assunto tratado.

Inicialmente, é necessário entendermos que as comunidades terapêuticas devem ser regulamentadas, no âmbito do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD), e por serem pessoas jurídicas, sem fins lucrativos, elas devem apresentar características como: a adesão e permanência voluntárias, formalizadas por escrito, entendidas como uma etapa transitória para a reinserção sócio familiar e econômica do acolhido; ambiente residencial, de caráter transitório, propício à formação de vínculos; e oferta de atividades terapêuticas (recreativas, desenvolvimento da espiritualidade, promoção do autocuidado e sociabilidades, entre outras).

Na resolução também informa que somente deverão ser acolhidas pessoas com necessidade de proteção e apoio social e previamente avaliadas pela rede de saúde, e que a instalação e o funcionamento de entidades que promovem o acolhimento destas ficam condicionados à concessão de alvará sanitário ou outro instrumento congênere de acordo com a legislação sanitária aplicável a essas entidades.

Além disso, as entidades deverão comunicar o início e o encerramento de suas atividades e o seu programa de acolhimento para a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), órgãos gestores de políticas sobre drogas estadual e municipal, se houver. Também para o Conselho Estadual e Municipal de Políticas sobre Drogas, Secretaria e Conselho Estadual e Municipal de Saúde e Secretaria e Conselho Estadual e Municipal de Assistência Social.

De acordo com o documento são obrigações das comunidades terapêuticas possuir e cumprir seu programa de acolhimento, somente acolher pessoas mediante avaliação diagnóstica prévia, emitida pela rede de saúde ou por profissional habilitado; deve garantir a participação da família ou de pessoa indicada pelo acolhido no processo de acolhimento; deve incentivar, desde o início do acolhimento, o vínculo familiar e social, permitir a visitação de familiares, bem como acesso aos meios de comunicação que permitam contato com eles.

As entidades não devem não praticar ou permitir ações de contenção física ou medicamentosa, isolamento ou restrição à liberdade da pessoa acolhida; deve manter os ambientes de uso dos acolhidos livres de trancas, chaves ou grades, admitindo se apenas travamento simples; não pode praticar ou permitir castigos físicos, psicológicos ou morais; não pode submeter os acolhidos a atividades forçadas ou exaustivas, observar as normas de segurança sanitária, de instalações prediais e de acessibilidade fornecer alimentação, condições de higiene e alojamentos adequados; promover, de forma permanente a capacitação dos membros da equipe que atuam na entidades, entre outros.

É importante salientar que caso o acolhido possua renda própria ou receba algum tipo de benefício, é vedado à entidade ou aos membros da sua equipe receber da fonte pagadora ou administrar, direta ou indiretamente, tais recursos. Após a seleção das principais obrigações que as comunidades terapêuticas devem fazer, se faz por necessário também destacar quais os direitos dos acolhidos.

A pessoa acolhida pode interromper o acolhimento a qualquer momento; deve receber tratamento respeitoso, bem como à sua família, independente de etnia, credo religioso, ideologia, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, antecedentes criminais ou situação financeira, deve ter assegurada a privacidade, como o vestuário, corte de cabelo e objetos pessoais próprios.

Outro direito, é que o acolhido deve ter seu sigilo assegurado, incluindo o anonimato, sendo vedada a divulgação de informação, imagem ou outra modalidade de exposição da pessoa sem sua autorização prévia; entre outras. Além disso os acolhidos, com filhos ou familiares dos acolhidos menores de idade, devem estar cientes que não é admitido o acolhimento de crianças, ou seja, menores de doze anos de idade.

6. MISSÃO RESGATE DA PAZ

A Missão Resgate da Paz é uma comunidade terapêutica que acolhe em regime de residência transitória, mulheres adoecidas por álcool, drogas e transtornos decorrentes do uso abusivo de algumas substâncias psicoativas. A comunidade foi fundada em 1998, a partir de um trabalho de evangelização dirigido pelo casal de missionários Sebastião Paulo de Oliveira e Ariadna Faleiro de Oliveira, da IV Igreja Batista de Goiânia.

Eles administravam um grupo de voluntários que iam nas madrugadas de sexta-feira evangelizar profissionais do sexo em regiões próximas do Terminal do Dergo, em Goiânia. A ideia inicial era somente uma evangelização, porém nessa época o crack tinha acabado de se popularizar e assim foi constatado que várias dessas mulheres eram dependentes tanto dele como de outras drogas.

Durante essa fase, duas mulheres pediram ajuda ao casal de missionários alegando que queriam deixar a prostituição e que queriam se livrar das drogas, e foi à partir deste pedido de socorro que a Comunidade Terapêutica Feminina Missão Resgate da Paz nasceu.

6. MEMORIAL

A maioria dos estudantes de graduação sofrem de ansiedade quando estão fazendo seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e comigo não foi diferente. Como eu sou muito ansiosa e perfeccionista, várias vezes tive crises de ansiedade, enxaqueca e exerci uma cobrança em mim mesma de forma desnecessária.

Desde o 5º período de curso de jornalismo eu já pensava em abordar o tema de depressão ou assuntos afins quando eu fizesse meu TCC. No início do 7º período da graduação, optei por fazer uma disciplina optativa de livro reportagem, pois eu pensava em produzir um livro reportagem como projeto de TCC, e que ele tivesse como tema central a depressão.

Porém, com a pandemia, eu acabei desanimando para fazer o livro, já que para escrevê-lo eu necessitaria visitar as pessoas que seriam entrevistadas, e fazer isso dentro de um contexto de isolamento social era praticamente impossível. Até que eu poderia ter feito as entrevistas por meio de ligações telefônicas ou por vídeo chamada, mas eu sabia que ao fazer por esses meios, sem ser pessoalmente, eu poderia perder

muitas informações interessantes que enriqueceriam o meu texto, como gestos, olhares, forma de sentar, falar, respirar dos entrevistados, além da ambientação onde ocorreria a entrevista.

Durante as férias do segundo semestre de 2020 eu pensei bastante no que eu faria de TCC, pois eu já tinha inserido a disciplina de TCC 1 na minha grade curricular. Após vários dias pensando eu escolhi fazer uma fotorreportagem. Foi então que eu mandei um e-mail para a professora Déborah Borges pedindo para que ela fosse a minha orientadora, e assim ela se tornou, pelo menos temporariamente, já que ela estava grávida, e só poderia me orientar por um semestre, e não dois como é o quesito pela universidade.

Assim como no livro reportagem eu queria fazer uma fotorreportagem sobre doenças psíquicas como a depressão, mas também pensava em fazer sobre o grafitismo em Goiânia. Quando começou as aulas do segundo semestre de 2020 eu falei quais temas eu estava pensando em fazer de TCC para a Déborah, e logo de cara ela me disse que dos dois, o grafitismo não seria uma boa opção. Pois o tema já era muito retratado nos trabalhos de conclusão de curso de muitos alunos da PUC-GOIÁS.

Eu também falei sobre minha ideia de retratar a depressão, e que o local escolhido para a realização das fotos seria no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Novo Mundo, em Goiânia. A Déborah achou a ideia legal mas me alertou que como o CAPS é uma instituição pública eu precisaria primeiro da aprovação da Escola Municipal de Saúde Pública de Goiânia (EMSP) para realizar meu projeto.

Como estávamos em plena pandemia do covid-19, essa aprovação da EMSP, que já não era rápida e fácil em tempos “normais” ficou ainda mais difícil. Após eu ter enviado um e-mail falando que eu queria fazer um projeto de TCC nas dependências do CAPS, a EMSP me deu um feedback dizendo que eles só me dariam a resposta se autorizariam ou não a realização do meu projeto em até 3 meses, tempo que seria inviável, já que eu estava matriculada na disciplina de TCC 1.

Conversei com a Déborah e nós concordamos que eu deveria ter uma outra opção de local, pois eu não poderia ficar à mercê de uma possível resposta negativa da EMSP. Passaram-se dias, e minha tia veio aqui em casa visitar eu e minha mãe. Após minutos de conversa, minha mãe relatou para minha tia sobre meu TCC, e foi aí que ela comentou sobre a Comunidade Terapêutica Feminina Missão Resgate da Paz.

Demonstrei interesse na comunidade e pedi para a minha tia me dar mais detalhes sobre a instituição, foi então que ela me mostrou algumas fotos das acolhidas, uma espécie de antes e depois do tratamento, no WhatsApp dela. Ela também me deu o telefone da diretora da comunidade, e ainda nos contou que ela e minha avó são doadoras há anos do local.



Figura 1 – Foto do antes e depois de duas acolhidas da comunidade.

Fonte: <https://www.instagram.com/mresgatedapaz/>

Acesso em: 11 de maio de 2021

No momento em que vi as fotos das acolhidas eu percebi que era muito importante falar sobre uma comunidade terapêutica, e foi assim que escolhi este tema como minha uma segunda opção. Contei para a Déborah e ela ficou contente, por eu já ter em mente outro assunto e local para fotografar.

Passaram-se mais alguns dias até que eu decidi que eu iria retratar a rotina das acolhidas da comunidade terapêutica como tema do meu projeto de TCC. Com isso, entrei em contato com a diretora do local e recebi sua autorização para poder realizar meu ensaio fotográfico. Contei tudo para a Déborah, ficamos felizes por estar correndo tudo bem, e então eu já prossegui com a elaboração do meu referencial teórico preliminar.

Durante esse tempo eu encontrei na internet uma entrevista que a Missão Resgate da Paz concedeu ao Ministério da Cidadania do Estado de Goiás e também achei suas redes sociais, como Instagram e Facebook. No começo fiquei apreensiva,

pois vi que algumas fotos veiculadas iriam se parecer muito com as fotos que eu estava pretendendo fazer.



Figura 2 – Página da Missão resgate da Paz nas redes sociais. Fontes:

<https://www.instagram.com/mresgatedapaz/> <https://www.facebook.com/mresgatedapaz.>

Acesso em: 11 de maio de 2021

Mas depois de comentar essa minha preocupação com a Déborah, ela me disse que seria normal caso as fotos ficassem parecidas, já que não existem fotos completamente inéditas, mas que eu deveria usar a criatividade para elas terem algum diferencial.

Depois de aprovado o meu referencial teórico preliminar pela universidade eu segui com o mesmo tema para a disciplina de TCC 2. Mas infelizmente a Déborah não poderia mais me orientar, pois ela estava com 7 meses de gestação. Foi então que eu escolhi a professora Mariana Calaça como minha nova orientadora.

Minha primeira visita na comunidade terapêutica foi no dia 9 de fevereiro deste ano. Nesse dia eu e minha mãe pegamos um Uber para ir até a comunidade, mas as ruas estavam em obras e tivemos que ir à pé até a instituição, pois não dava para passar com o carro.

As ruas estavam cheias de lama e buracos, e foi impossível não sujar os pés. Foi somente uma visita técnica no qual a diretora falou sobre meu projeto as acolhidas e lá elas disseram se autorizavam ou não serem fotografadas. Eram cerca de 10 acolhidas na época, e somente uma não autorizou o uso de sua imagem.



Figura 3 – A terra e a lama nas ruas até chegar à comunidade terapêutica.
(Foto: Kimberlly de Melo)

No outro dia eu e minha mãe também fomos na comunidade, e novamente aconteceu a mesma coisa na estrada, pois as obras ainda iriam durar semanas. Ao chegarmos na comunidade pude olhar o local com mais calma e até tirei algumas fotos só para testagem da minha câmera.

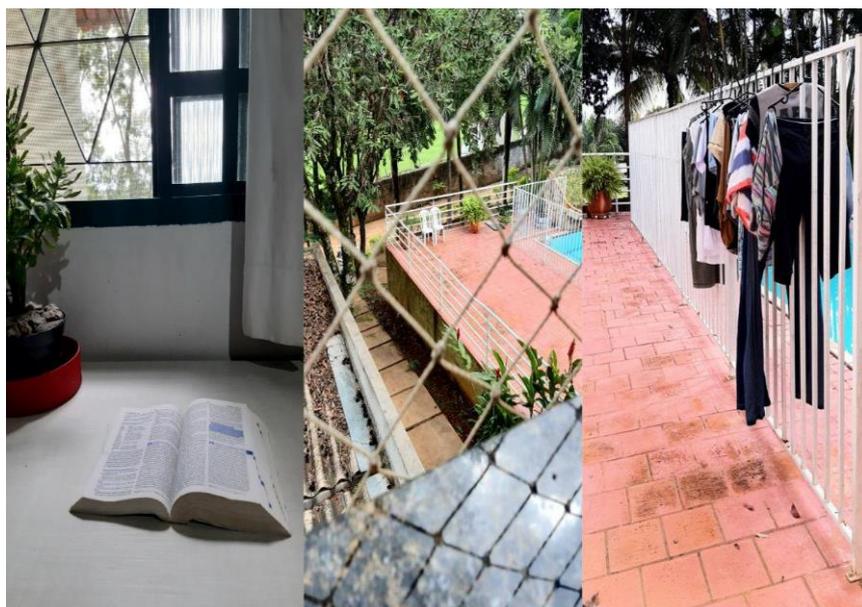


Figura 4 – Fotografias para testagem da câmera do meu celular.
(Foto: Kimberlly de Melo)

Depois de pegar o cronograma de atividades da comunidade com a coordenadora da instituição, fui nos dias 17 e 21 do mesmo mês fazer minhas primeiras sessões de fotos, pois elas teriam fisioterapia, oficina de crochê entre outras atividades.

Após o dia 21 eu não pude mais ir à comunidade, pois o governo de Goiás tinha feito um decreto que impôs o *lockdown* (isolamento social) e proibia os comércios não essenciais de abrirem durante a pandemia. Logo, a diretora da comunidade não permitiu que eu continuasse fazendo minhas visitas. Fiquei mais de 1 mês sem ir na comunidade, e pior, fiquei sem saber durante esse tempo, quando que eu poderia continuar com minhas fotografias.

Essa incerteza me deixou muito mais ansiosa, pois eu tive muito medo de ter que desistir de todo meu TCC. Nesse período eu mudei de tema várias vezes, em uma orientação eu dizia desistir da comunidade e na outra que eu queria continuar, foi uma montanha russa de sentimentos e decisões, só Deus, minha mãe e a minha orientadora Mariana sabiam da angustiante situação que eu vivenciava.

Após muita insistência eu consegui fazer com que a diretora deixasse eu voltar a ir na comunidade para terminar meu trabalho de TCC. Combinei com ela de ir todos os sábados na instituição para realizar minhas fotografias. Nesse tempo eu conversei muito com as acolhidas, para que elas pudessem se sentir à vontade com a minha presença.

É normal, mas infelizmente teve alguns contratemplos no final das minhas visitas, porém com muito jogo de cintura, foco, ética e empatia consegui reverter a situação. Durante os ensaios fotográficos eu sempre pedia permissão as acolhidas para tirar as fotos mesmo elas já terem autorizado o uso de suas imagens, e também as perguntavam se estavam ocupadas naquele momento, porque eu não queria atrapalhar a rotina regrada da comunidade.

Os ensaios fotográficos para minha fotorreportagem duraram aproximadamente 3 meses, e nesse período fiquei muito amiga das acolhidas e também da pipoca, que é a cadela de estimação da instituição. A pipoca é muito dócil, e desde o primeiro dia que fui na comunidade já estabeleci uma relação de carinho por ela.

Para a realização das fotos utilizei meu celular A7 2018 da linha Galaxy da Samsung, mas fiquei muito preocupada em relação a sua câmera. No início do meu

projeto eu perguntei a Déborah e depois a Mariana, se eu perderia nota no meu TCC pela falta de qualidade das minhas fotos caso houvesse, pois o meu celular não tirava fotos muito boas, e isso me deixava muito insegura.

Mas ambas me acalmaram e disseram que a banca examinadora iria entender caso as imagens não fossem tão boas, porque eu estava usando um celular e não uma câmera fotográfica profissional. Além da minha preocupação com a qualidade das fotos, eu também tive muita dificuldade em decidir se eu tiraria as fotos na vertical, horizontal, ou em ambas, ou se no final as deixariam coloridas ou se as colocariam na cor *P&B* (preto e branco).

Tive algumas dificuldades para a realização da minha fotorreportagem, e uma delas foi que como o ambiente interior da instituição era muito escuro, mesmo usando a luz artificial, eu escolhi fazer a maioria das fotos do lado externo para que as fotografias fossem mais claras e com uma qualidade melhor.

Outra dificuldade que eu tive foi na escolha de quais fotos selecionar para a minha fotorreportagem, pois eu tinha fotografado milhares de fotos. E essa quantidade imensa de fotos que eu tirei foi porque eu tentei fotografar várias vezes até que elas fossem satisfatórias para mim, mesmo porque, eu pensava que seria melhor sobrar fotos do que faltar.

Mas apesar dessa dificuldade eu consegui resolvê-la, porque eu selecionava por mês as melhores fotos tiradas, e as separava por categorias em pastas no meu celular, justamente para que eu não me apavorasse em meio a essas milhares de fotos que eu havia fotografado no final do processo.

Desde o início do meu projeto eu tinha escolhido fazer um e-book para apresentar a minha fotorreportagem, e assim eu fiz. O meu e-book, feito no *Adobe InDesign* e depois convertido para a plataforma digital *Issu*, foi construído na horizontal tendo capa, contra capa, ficha técnica, sumário, introdução e as fotografias. Achei muito importante fazer um e-book para que o leitor tivesse uma ordem lógica para seguir, tendo um início, meio e fim.

Já falando sobre o processo final da minha fotorreportagem eu optei por deixar as fotos coloridas, com o intuito de trazer alegria e descontração para o tema do meu trabalho, e as deixei na horizontal. Os ângulos das fotos escolhidas foram o plano normal, plano picado ou *plongée* e o plano *contra plongée*. A escolha das fotos no plano *plongée* foi porque eu queria detalhar alguns objetos fotografados e no plano

contra plongée foi por causa da dificuldade que eu tive em fotografar alguns objetos em sua altura normal, pois eles estavam em locais altos.

Além disso no meu e-book eu escolhi colocar quatro fotos por folha, pela organização e para me ajudar na construção da narrativa do tema retratado, e intitulei a minha fotorreportagem de *Rotina para a superação*, justamente pelo objetivo que uma comunidade terapêutica tem, que é o de ajudar o indivíduo a superar seus vícios dia após dia.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades, medos, inseguranças e todo tipo de sentimento que passei posso dizer que eu atingi o meu objetivo final. Este trabalho fez com que eu me adentrasse mais no mundo da dependência química, fazendo com que eu quebrasse de certa forma um certo receio que eu tinha quando conhecia uma determinada pessoa já havia usado algum tipo de droga. Este projeto também me fez entender o quanto as comunidades terapêuticas podem ajudar as pessoas dependentes químicas a se livrarem de seus vícios.

Fico feliz que ao realizar este trabalho pude evoluir como fotógrafa, fazendo concordância com a opinião da minha orientadora Mariana, em relação as estratégias para tirar as fotos - como jogo de luz, e também como pessoa, pois a cada ida à comunidade eu conversava mais com as acolhidas e isso fez com que eu aprendesse mais sobre a vida, dificuldades e superação de outras pessoas.

Apesar de vivermos em um mundo egoísta, creio que iniciativas como esta, de criar locais que ajudam quem precisa de ajuda para largar seus vícios, como as comunidades terapêuticas fazem, é muito importante. Este trabalho não tem o poder de mudar o mundo, mas posso dizer que mudou pelo menos por algum momento a relação das acolhidas com a vida e consigo mesmas. E só por isso eu já fico muito orgulhosa com meu trabalho.

A cada retrato, elas se maquiavam, ajeitavam o cabelo, escolhiam um local importante para elas, e isso as ajudavam em sua recuperação e autoestima. Eu sempre as ficava lembrando que o meu trabalho não era um ensaio fotográfico publicitário que vemos nas revistas, televisão ou na internet, e sim um retrato da

realidade de vida delas. E isso foi fundamental porque eu queria naturalidade e foi o que eu obtive.

Apesar de todas as dificuldades que passei para a realização do meu projeto, fiz um excelente trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vitor; MASTELINI, Leonardo; NAOMI, Aline; PINTOR, Victória; VIEIRA; Bianka. **Dependência química deve ser analisada com recorte de gênero**. São Paulo, Brasil. Edição Nº: 108, 2016. Disponível em: <http://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7873&ed=1392&f=7> Acesso em: 15 out. 2020.

CARNICEL, A. **Fotografia e inquietação: uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 41-54, 2006. DOI: 10.20396/resgate.v10i11.8645584. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645584>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CABRAS, Juliana; CARDOSO, Tayane; LEMES, Alisséia; LUIS, Margarita; MOLL, Marciana; NASCIMENTO, Vagner; SILVA, Rulio. **Perspectiva de mulheres em recuperação de drogas sobre o tratamento em uma comunidade terapêutica**. Mato Grosso, Brasil. Revista Saúde (Santa Maria), Vol.43, n.3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/23677>. Acesso em :19 nov. 2020.

Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. Diário oficial Imprensa Nacional. Brasília, Brasil Resolução nº 1, 2015. Disponível em: <https://febract.org.br/portal/wp-content/uploads/2020/04/Resolu%c3%a7%c3%a3o-CONAD-01-2015-MarcoRegulatorio.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

Dia nacional do combate as drogas e ao alcoolismo. Biblioteca Virtual da saúde: Ministério da Saúde. Brasil. 2019. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/component/content/article?id=2908>. Acesso em: 19 nov. 2020.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Papyrus editora. Brasil, 1994. Disponível em: <https://cteme.files.wordpress.com/2011/03/dubois-philippe-o-ato-fotogrc3a1fico-e-outros-ensaios-2.pdf>. Acesso em : 18 de abril de 2021.

GURAN, Milton. **O olhar engajado : inclusão visual e cidadania**. Studium, (27), 99–114. Brasil, 2008. Disponível em : <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12349>. Acesso em : 18 de abril de 2021.

ITTC explica: O que são comunidades terapêuticas?. Instituto Terra, Trabalho e Cidadania. Brasil. 2020. Disponível em: <http://itcc.org.br/o-quesao-comunidades-terapeuticas/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MARTINS, Célia. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética**. Brasil, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto, Portugal, n.1, p. 79, 127-131, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedrofotografismo.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo. Companhia das letras, 1ª edição 2004. Disponível em: <https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Sobre-fotografia-Susan-Sontag.pdf> Acesso em: 18 de abril de 2021.

Um conceito de vício e alcoolismo um dos maiores vilões da sociedade. Fundação São Francisco Xavier: Programa Atitude rima com saúde. Brasil. 2018. Disponível em: <http://atituderimacomsaude.com.br/o-conceito-de-vicio-e-alcoolismo-um-dos-maiores-viloes-dasociedade/#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20OMS,uma%20doen%C3%A7a%20f%C3%ADsica%20e%20psicoemocional>. Acesso em: 19 nov. 2020.

VARELLA, Drauzio. **Alcoolismo em mulheres.** Brasil. 2011. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/alcoolismo-em-mulheresartigo/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

ZAFANELI, Amanda. **Fotografia e impacto social: Aproximações entre o design e o trabalho “Women are heroes” do fotógrafo Francês JR.** XV Jornada de Iniciação Científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica. Brasil, 2019. Disponível em: <http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/index/index/search/authors/view?firstName=Amanda%20Graziela&middleName=Mendes&lastName=Zafaneli&affiliation=UPM&country=BR>. Acesso em: Acesso em: 18 de abril de 2021.

8. ANEXO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Sheryden Luiza de Oliveira, CPF 692 086 461-49,
 RG 3.008.743 SSP/6ª depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa **Rotina para a
 superação**, bem como de estar ciente da necessidade do uso da produção de
 imagens nas dependências da Missão Resgate da Paz, da qual sou diretor(a)
 geral, **autorizo**, através do presente termo, o pesquisador(a) do referido projeto
 de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a utilizar fotografias das acolhidas
 nas dependências da Comunidade Terapêutica Feminina Missão Resgate da
 Paz, filiada da FEBRACT, para fins científicos e de estudos (teses, artigos
 científicos, apresentações em eventos científicos, livros etc.).

Goiania, 23 de maio de 2021

Kimberly de Melo Sousa
 Pesquisador(a)

Sheryden Luiza de Oliveira
 Diretor(a) geral CRESS 19.º Reg. 2

Comunidade Terapêutica Feminina
 Missão Resgate da Paz
 CNPJ: 02.574.493/0001-07
 RUA IZIL DINHA, N. 187 Ch. 144
 SÍTIO RECREIO DO IPE - GOIÂNIA - GO
 62 - 3286-9062